

TÍTULO DO TRABALHO			
Célestin Freinet e a prática pedagógica de uma educação popular			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Rafaela Ferreira dos S. Mendes Muratt	Universidade Federal do Ceará	UFC	Mestranda
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O presente texto expõe nossa caminhada na compreensão dos escritos de Célestin Freinet, que no Brasil é considerado um típico escolanovista, apartando de sua obra a dimensão política e inovadora. Assim, como é ignorada muitas vezes a base revolucionária, não temos a pretensão de transformá-lo em um teórico ortodoxo, que seguiu apenas um caminho ou de justificá-lo valendo-se dos seus primeiros escritos. Mas temos a intenção de compreendê-lo como um sujeito histórico, que propôs uma teoria que tinha preocupação com sua efetivação, para a escola do povo fosse possível. Para tanto nos debruçamos sobre as obras: Ensaio de psicologia sensível 1 (1976), Ensaio de psicologia sensível 2 (1978), A educação do trabalho de (1998), Educação para o povo (2001). Face ao exposto, temos como objetivo deste trabalho entender a proposta de Escola do povo sob a base de uma educação do trabalho.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Freinet; Educação Popular; Trabalho			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>This paper explains our journey in understanding the writings of Célestin Freinet, which in Brazil is considered a typical New School, departing from his work the political and innovative dimension. So, as is often ignored the revolutionary base, we have no intention of turning it into an orthodox theory, which followed only one way or justify it taking advantage of his early writings. But we intend to understand it as a historical subject, who proposed a theory that had concerns about its effectiveness, for the school of the people possible. Therefore we worked through over the Works: Ensaio de psicologia sensível 1 (1976), Ensaio de psicologia sensível 2 (1978), A educação do trabalho de (1998), Educação para o povo (2001). Given the above, we aim of this study to understand the proposed School of the people on the basis of a work education.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Freinet; Popular education; work			
EIXO TEMÁTICO			
EDUCAÇÃO, CLASSE E LUTA DE CLASSES			

Nossa começa caminhada na compreensão dos escritos de Célestin Freinet, que no Brasil é considerado por uma grande maioria dos pedagogos e educadores como um típico escolanovista, apartando de sua obra a dimensão política e inovadora. Assim, como é ignorada muitas vezes a base revolucionária advinda do seu contato com a Rússia e seus teóricos nos primórdios da década de 1920, exercendo uma influência em sua compreensão de mundo e de educação. Não sendo à toa a eleição do trabalho como norteado de sua educação. É nesse mesmo momento que ele passa a se integrar, de maneira efetiva, ao partido comunista francês.

Muito desses “esquecimentos” é justificável por realizar uma leitura parcial de seus escritos, talvez não levando em consideração o lugar de onde o autor falar e para quem ele fala. Não percebendo as inúmeras influências que sua obra recebeu.

Assim, não temos a pretensão de transformá-lo em um teórico ortodoxo, que seguiu apenas um caminho ou de justificá-lo valendo-se dos seus primeiros escritos. Mas temos a intenção de compreendê-lo como um sujeito histórico que vivencia dois grandes fatos que afetou fortemente a sociedade francesa: a Primeira Guerra Mundial de 1914 a 1918; e Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945. Nosso objetivo é não perder de vista esses elementos históricos, que o constituem, para que possamos vê-lo em uma totalidade e não em fragmentos como é bem corriqueiro e assim contemplar apenas esse ou aquele pensamento que agrada a terceiro.

Discutiremos seus escritos ricos de conceitos marxistas, da mesma forma que refletiremos sobre os escritos, onde há certo distanciamento do partido comunista e adota uma postura para muitos, condizente com os ideais da escola nova ou até mesmo para alguns outros uma postura romântica da educação.

Ou seja, nosso objetivo central está pautado em encontrar se possível um fio condutor em suas principais obras. Tais como: Ensaio de psicologia sensível 1 (1976), Ensaio de psicologia sensível 2 (1978), A educação do trabalho de (1998), Educação para o povo (2001). E se apesar das controvérsias constantes, há momentos de conservação de algum fundamento, em seu caminhar pedagógico. No entanto, sabemos desde cedo do caráter que havia em Freinet de absorver tudo aquilo que, segundo ele, poderia acrescentar em sua atividade docente. Sua trajetória não forma um caminhar retilíneo como muitas pessoas esperam. Mesmo sabendo que todo homem está sempre a mercê de grandes mudanças e contradições do longo de sua trajetória de vida

Face ao exposto, temos como objetivo deste trabalho entender a proposta de Escola do povo sob a base de uma educação do trabalho. Que foi construída e aplicada na França por Freinet, levando em consideração o ponto de partida e para quem se destina a proposta, e quais são as suas bases fundamentais.

Para o alcance desse objetivo acima articulado, nossos procedimentos metodológicos partem do materialismo histórico-dialético, por entender que esta parte da realidade, mas não uma realidade dada, imediata. Mas, parte da compreensão que para apreender o real tem que se ir além da aparência, ou seja, visualizar a essência e perceber as contradições existentes. Não se trata de desprezar a aparência, mas, sim de estabelecer as devidas relações entre essência e aparência, a fim de assimilar, perceber a totalidade do objeto. Compreendemos que este caminho, oferece a oportunidade de apreensão do real, tendo como uma perspectiva a alteração da realidade.

Percurso de vida Célestin Freinet.

A caminhada histórica continua. Apontaremos agora o percurso de vida traçado por Freinet, tendo como base este cenário brevemente constituído, para que possamos compreender o ponto de partida de Célestin Freinet e para quem ele se dirigiu.

Ao relatar a vida de Freinet, percebe-se que ele viveu um momento de ebulição política, pois ele viveu fatos que marcaram toda a humanidade assim como o marcam de modo individual: A 1ª Grande Guerra Mundial; a Revolução Russa; ascensão do fascismo e por último a 2ª Grande Guerra Mundial. Dito isso teremos a preocupação de, no decorrer do texto, tratar a sua biografia discutindo também os desdobramentos dos fatos acima citados na sua vida, situando assim as repercussões políticas e sociais desse contexto.

O teórico Célestin Baptistin Freinet nasceu no dia 15 de outubro de 1896, no pequeno vilarejo de Gars, região de Provença, no sudoeste da França. Região pobre, cujo centro da economia era a agricultura, com relações sociais bem tradicionais.

Nasce quase uma década depois da instauração oficial da república, tempo esse suficiente para que o pequeno Célestin respirasse e vivesse a república em toda a sua forma, seja na escola primária pública e laica, espalhada pela França, inclusive no interior; seja no ideário aceito e reconhecido por boa parte da sociedade.

Filho de pequenos camponeses, Teve uma relação muito íntima com o trabalho da lavoura, e particularmente, com o pastoreio que era uma atividade destinada as crianças. Desenvolvendo uma ligação de prazer com essas práticas, que o marcará fortemente, como poderemos ver nas obras pós segunda guerra, onde associa o professor a um pastor de ovelhas.

Como era costumeiro acontecer com os jovens camponeses que terminavam a escola, ele também, ingressa na Escola Normal. Freinet, assim não foge a regra: completou seus estudos iniciais aos treze anos e, três anos mais tarde, ingressou na escola de Formação de Professores em Nice.

Segundo Oliveira (1995,p.99) é nesse período que irá surgir o primeiro sindicalismo docente ainda clandestino, que se sustentava sob a confluência dos ideais socialistas e a herança proudhoniana tão forte nos movimentos sindicais franceses. Assim sendo “a dialética da influencia desses três ideários – o republicano, o socialista e o libertário- vai marcar profundamente Freinet”, não sendo possível uma compreensão fiel de seu pensamento sem ter a dimensão de movimento dialético desses três ideários na obra de Freinet.

O sindicalismo docente, que a pouco havia nascido, se utilizou da imprensa para se manter ativo e promover a instrução política de seus membros, as principais revista da época eram: L’Emancipation de L’instituteur (Emancipação do Professor Primário), que indagava a respeito da função da escola como meio de conservação do modelo social; o outro periódico lançado em 1910 se chamava L’École Emancipée (A Escola Emancipada) era responsável pela disseminação do sindicalismo revolucionário. Este último ganharia a participação ativa de Freinet anos mais tarde, com a escrita de diversos artigos.

Ainda cursando a escola normal é convocado para lutar na 1ª guerra mundial, em 1914, e logo se viu impossibilitado de concluir seu curso. Ao findar a guerra, retornou para a França com graves problemas respiratórios, pois a absorção de gases tóxicos atingiu seus pulmões, deixando-o debilitado. Contudo, Freinet não desistiu de ingressar no mundo da educação e retomou suas atividades.

No entanto esse retorno ao mundo da educação logo após a guerra traz algumas singularidades. Pois o massacre sem sentido que o conflito trouxe jogou os ideais republicanos por terra; já não se entendia o motivo pelo qual todas aquelas mortes estavam acontecendo. Assim, grande parte dos professores considerados intelectuais do regime irá se distanciar de tais teorias após o fim da guerra. E chegam procurando um novo referencial em que possam se apoiar e é quando se aproximam do pensamento marxista, por considerarem o que melhor explica àquela conjuntura.

Finalmente nos anos de 1920 Freinet ingressou como professor adjunto de duas salas na escola de Bar-sur-loup. Salas multi-seriadas com crianças com idades entre cinco e oito anos advinda do campo, totalizando por volta de 35 alunos em um ambiente pouquíssimo favorável para o ensino. Agora não fica muito difícil imaginar o esforço gigante que Freinet fazia na tentativa de conduzir a turma, visto que se não era muito fácil em condições normais de saúde imagine-se com um pulmão a menos e com uma voz branda. Não era difícil acha-lo fora de sala para recuperar o fôlego.

Freinet entendia bem toda aquela agitação das crianças, afinal de contas fora filho de camponês igual a eles, acostumados com a vida ao ar livre e com atividades com sentido. Percebendo toda essa situação que incluía sua péssima saúde e a agitação das crianças por ficarem 6 horas enfurnadas em sala, Freinet inicia as conhecidas aulas-passeio. Elas serão caracterizadas por Elise Freinet (1978,p32) “ começou buscar à vida da aldeia [...]Levou os alunos à oficina do tecelão[...] Foram à oficina do marceneiro, do ferreiro, à padaria, à olaria[...]”; dessa forma os textos e poemas transcritos no quadro ganhavam vida e sentido para as crianças, deixavam de ser algo enfadonho para muitos. Desenha-se assim uma ligação entre pratica e teoria que ira se arrastar e consolida à medida que o estudo e sua vivencia lhe dão condições de formular essa relação de maneira mais consistente.

Freinet não seguiu uma carreira acadêmica, dedicando-se de modo autodidata ao estudo de alguns clássicos da filosofia, pedagogia e sociologia, sob a justificativa, segundo Élise Freinet (1978, p.30), de “[...] procurar no antigo o que existe de progressivo e de positivo, reconstituir a corrente das grandes ideias que, ao longo das diversas épocas da História, os inovadores projectaram para o futuro.” Merecem destaque: Rousseau, Ferreirè, Pestalozzi, Marx e Lênin. Esses últimos estiveram fortemente presente como fundamentação teórica em boa parte de sua obra, principalmente no período em que foi militante do partido comunista francês.

Neste período começou a formular seus questionamentos, a partir da compreensão da ideologia que permeava o governo republicano vigente na França, com uma valorização do Estado que era visto principalmente pela ação direta na educação, baseada numa politica que legitimava as desigualdades.

Segundo Élise Freinet (1979) ele é convidado por Henri Barbusse a se tornar colaborador da revista Clarté, criada sob os ideais da Revolução Russa de 1917. Ao voltar da guerra se torna um internacionalista militante que segundo Oliveira (1995,p.109) adere “à federação do Ensino (o Sindicato Unitário)[...] torna-se rapidamente um dos colaboradores ativos da Internacional do Trabalhadores do ensino ligada à Terceira Internacional.” Por conta da Revolução Russa, de 1917, Freinet se enche de esperança com a possibilidade de algo semelhante ocorra na França e por entender que a paz que tanto desejava só iria ser possível passando primeiramente pela Revolução; acreditando assim na Pátria do Socialismo, defendendo a importância da Revolução Russa.

O crescimento dos movimentos de esquerda nas primeiras décadas do século XX não ocorreu sem que houvesse profundas discussões entre seus militantes, ocasionando muitas vezes em divisões entre entidades sindicais e partidárias, algumas vezes acontecendo uniões temporárias. É neste contexto que vai surgir o Partido Comunista, fruto de uma dessas divisões mencionadas. Inicialmente a divergência surge no seio do Partido Socialista ou Seção francesa da Internacional

Operaria (PS/SFIO). Pois com a criação da Internacional Comunista (I.C.), em Moscou, foram estabelecidos vinte e um critérios para os partidos socialistas que gostariam de se juntar ao movimento. Assim quando os líderes da Confederação Geral dos Trabalhadores (C.G.T) vão discutir a adesão ou não a IC, a maioria dos participante decidem aderir àquelas vinte e uma condições. Contudo existe uma minoria que não aceita a adesão, rompendo com a maioria, essa minoria permanece com o nome de PS / SFIO em tempo que os demais adotam a seguinte nomenclatura: Partido Comunista / Seção Francesa da Internacional Comunista representada pelas siglas PC, PCF ou SFIC.

Entramos agora em 1925: é o momento no qual Freinet filia-se ao Partido Comunista Francês. Foi neste cenário, em que havia o confronto entre ideias socialistas e republicanas, sendo estas últimas predominantes, que surgiram os anseios e o pensamento pedagógico de Freinet. Este se caracterizou por suas duras críticas as teorias tradicionais da educação que eram destinadas às crianças pobres de seu país.

Essas duras críticas tem como suporte duas bases teóricas: de um lado a Escola Nova e do outro a Escola Russa; inclusive serão ambas que sustentarão sua proposta de educação popular. Começaremos a tratar da última já que é no verão ao fim do ano letivo de 1925 que Freinet vai junto com a primeira delegação de docente visitar a União Soviética, com o objetivo segundo Elise Freinet (1978), de se apoiar em algo novo, para dar finalmente as costas à pedagogia parada da França que defende a manutenção privilégios. Através do relato de Elise podemos ver o quanto foi singular sua visita e suas conversas com os entusiastas do sindicato russo e com a Ministro da Educação.

“Naquele ambiente de penúria dos primeiros anos de construção, no meio de toda aquela pobreza que lhe recorda de uma forma tão pungente a sua pobreza de Barsur-Loup, volta a encontrar-se. Este entusiasmo que tão profundamente anima os pedagogos soviéticos constitui a sua própria razão de viver, toda a sua riqueza. É um prazer poder conversar longamente sobre a sua técnica da Tipografia na Escola¹ e das perspectivas que esta encerra. Krupskaja, então Ministro da Educação Nacional, recebe a sua delegação no Kremlin, e, numa entrevista que se processou num clima de mais franca cordialidade enquanto iam comendo maçãs oferecidas com toda simplicidade, os delegados ouviram da própria Krupskaja a descrição das realizações pedagógicas do momento e futuras. O que mais impressiona na fala do ministro, tão modesta perante a imensidade da tarefa, ao mesmo tempo, os alunos

¹ Metodologia criada por Freinet de utilizar o maquinário da imprensa dentro da escola, a fim de possibilitar a seus alunos a criação de seus próprios textos impressos. Uma clara influencia das revistas e periódicos que circulavam nos partidos e sindicatos como meio resistência. Dos quais Freinet era colaborador.

mantenham individualmente a qual a figura do educador sofre um esbatimento, é a ambição de abrir novas perspectivas às suas iniciativas” Freinet, Elise (1978,p.58)

É por causa desta visita que a Escola Russa vai influenciar tanto a pedagogia Freinet. Nessa passagem pela União Soviética, durante algumas semanas, ele entrará em contato com uma escola que tem como fundamento o marxismo e como princípios a centralidade do trabalho no processo educativo e o foco na auto-organização. Ali vislumbra uma continuidade na descontinuidade como bem sistematizada por Pistrak ao ser questionado sobre se

“ haverá uma relação de continuidade entre o ideal dos melhores pedagogos reformistas da burguesia e a escola do trabalho soviético? [...] Entre a nova escola e as melhores escolas antigas há apenas uma continuidade dialética e revolucionária, da mesma forma que o novo regime nasce do antigo graças às suas contradições.” (1981 p.33)

Concepção essa que se encaixa muito bem no contexto educacional e político que vivia.

Da outra vertente pedagógica – a Escola Nova² - vem a tentativa de trazer um ensino mais ativo e mais preocupado com a criança enquanto sujeito. Vale destacar que em meio a esses esforços nunca perdeu de vista o tipo de sociedade em que estava inserido – a capitalista; sabia o quão limitada era sua prática, mas acreditava ser possível realizar mudanças substanciais dentro da escola pública. Imbuído de tal objetivo, inicialmente lançou mão dos escritos de Ferrière em “L’École active”, que vão basear as coordenadas iniciais do movimento da Escola Nova . Também se aproxima da obra de Decroly através dos chamados “centros de interesse”. Este, assim como Ferrière, desempenhara uma grande influência dentro da Escola Nova e na proposição educacional de Freinet.

Como já afirmamos, entre outras coisas, Freinet objetivara a construção de uma escola popular, num momento histórico no qual se difundia com grande força o movimento de Educação Nova, que se opunha fortemente à educação tradicional, no interior da qual a passividade dos alunos e a autoridade dos professores eram características inquestionáveis. Contudo, Freinet vai tendo acesso a teóricos colaboradores da Educação Nova e vai incorporando vários princípios pedagógicos desta perspectiva, levando-os para a prática de uma sala de aula pública - brevemente descrita no início do texto. E, ao fazer a ligação entre teoria e prática percebe as debilidades

² O movimento da Escola Nova, surge na década de 1920, e o principal divulgador deste movimento foi o americano John Dewey. Tinha como objetivo reformular a educação tradicional, pautando suas ações no docente e no ensino, pois para o escolanovismo o centro do processo de ensino e aprendizagem não deveria estar no professor e nos seus saberes, mas, no aluno e em seu interesse. O professor passa assim a guiar seu ensino com base no interesse dos alunos, explorando a pesquisa, a curiosidade e o contexto histórico do alunado.

existentes, pois a teoria não dava conta da totalidade permeada de contradições que é a realidade. Deste modo, ele propõe uma superação da teoria, sem negar a importância e nem mesmo o avanço conquistado, mas refazendo-a a partir dela mesma. É o que podemos ver quando ele considera que, primeiramente “a noção de escola Ativa, da qual Ferrière foi ardoroso iniciador, não nos satisfaz totalmente.[...] Mas, para a clareza das posições, necessitamos precisar os termos. A noção de atividade pode condicionar nossas técnicas” (FREINET, 1979, p,70). E, com relação à Decroly, Freinet afirma: “[...] Mais que centros de interesse, falaremos de complexos de interesses. Nossa escola de trabalho está no centro da vida condicionada por múltiplos e diversos móveis desta vida.” (apud FREINET, 1979, p.98-99).

Freinet acompanha de perto o movimento da Escola Nova, e propõe uma superação da mesma, por compreender que a Escola Nova tem uma concepção burguesa de educação, não sendo possível aplicá-la nas escolas públicas francesas. Para ele, a dualidade presente na educação dentro do sistema capitalista vai ser explicada como um desdobramento da própria sociedade de classes, da qual Freinet tinha uma concepção muito clara. Entendendo que por mais que houvesse esforços no âmbito da educação, mesmo da Educação Nova, ela não poderia ser descolada da realidade concreta, pois uma mudança significativa na sociedade não poderia se deter apenas na educação sem pressupor uma nova sociedade.

É em meio a sua prática docente que afirma a existência de uma escola de classes, já que para a escola pública quase nada era destinado, havendo somente a preocupação de manter a utilização “[...] do sistema imoral e antipedagógico que prepara não homens, mas servidores dóceis de um regime” (FREINET *apud* FREINET, 1979, p. 82). Freinet apresenta aqui a sua compreensão e interpretação do que acontecia no real, percebendo a dualidade existente entre os ensinamentos oferecidos para o povo e para os burgueses.

Nesse sentido, fomenta a teoria e a prática responsável para uma educação que permitisse a emancipação das crianças da classe trabalhadora da França. Para tanto estabeleceu a práxis como norte de sua ação docente, não aceitando uma separação entre teoria e prática, colocando sempre em movimento ambas as categorias.

Agora voltando para o tempo cronológico e chegamos ao período de entre guerra (1919-1939) em que algumas coisas interessantes irão acontecer. Como por exemplo, a mudança de escola de Freinet, que sai de Bar-sur-Loup, em 1928, para Saint – Paul de Vence. Ambas as escolas ficavam na mesma região, mas em localidades diferentes. A primeira é um vilarejo, já a segunda é uma pequena cidade. Ao chegar na nova escola se depara com a seguinte situação. Segundo afirma Oliveira (1995,p.167) com um “deplorável estado de abandono: carteiras semidestruídas e em número insuficiente, sujeira, latrinas permanentemente entupidas e transbordando.” Por conta desta

situação Freinet ira se indispor muitas vezes com o prefeito que é um sujeito conservador e que havia observado o caráter revolucionário do mais novo professor que chegara em seu território. Mas ele não ficou apenas observando, ele agiu perseguindo Freinet sob a acusação que ele estaria enchendo de ideias revolucionarias a cabeça dos filhos dos trabalhadores. Freinet solicita a ajuda da Academia e a proteção da Polícia, mas nada é feito apesar das proporções que o caso ganha. O fato culmina na demissão de Freinet do ensino público em 1933, o que se torna um duro golpe para aquele que mantem uma relação estreita com o ensino da classe pobre.

Esse golpe será acalentado pela conjuntura politica que se formará nos anos seguintes a sua demissão. Pois haverá por um momento a união dos movimentos de esquerda na França. Isto porque frente a ascensão do nazismo da Alemanha e do Fascismo na Itália, o Partido Comunista (PC) se questiona até onde é valido manter essa separação. Para tanto, em 1935, sob pressão das massas os partidos PC e Partido Socialista (PS) reatam. No âmbito do sindicalismo o mesmo acontece a Confederação Geral do Trabalho Unitária (CGTU) funde-se a Confederação Geral do Trabalho (CGT).

“A essa altura, a fusão das tradições republicanas, jacobinas, socialistas e comunistas estava bastante completa, pois a frente popular e a resistência posterior haviam transformado o partido comunista no maior partido de esquerda.”
(Hobsbawn,1996 P.102)

Surge, assim, a Frente Popular, que ganha força por causa da crise econômica vivenciada no país e pelo arrocho salarial. Desta maneira a direita não sustenta as eleições e as perde em 1936. Em junho do mesmo ano, Léon Blum, presidente do Partido Socialista, assume um governo composto por radicais e socialistas. Começa assim uma serie de reconhecimento dos direitos trabalhista; a população se vê representada, e os contemporâneos pensam esta vivendo a eminencia de uma Revolução. E Freinet é um desses entusiasmados com o momento histórico, fazendo com que ele agarre essa certeza, de maneira fervorosa, se envolvendo e trabalhando pela Frente Popular.

Seu envolvimento pode ser descrito pelas várias tentativa de unificar os vários movimentos de esquerda dentro da educação. Ele criará a Cooperativa de Ensino Laico (CEL), em 1926, uma cooperativa que reunia professores primários, não só da França como de outros países. Freinet tinha a intenção de fornecer um espaço onde fosse produzido ferramentas de trabalho e técnicas a serem usadas em sala de aula. Não há distinção entre trabalho manual e intelectual dentro da cooperativa. Não possui uma hierarquia, pois a organização era pautada pela pelas necessidades e responsabilidades que cada um recebia e cada membro não permanecia muito tempo com as

mesmas tarefas. Assim todos são chamados a participarem de modo frequente, se tornando, deste modo, uma verdadeira cooperativa autogerida. Freinet via esse momento de afirmação da Frente Popular como um momento em que se poderia levar a ideia da CEL para nível nacional. Segundo Oliveira (1995.p,169), Freinet “acalenta o projeto: a transformação de sua proposta educativa numa pedagogia de massa, que seria aplicada em todas as escolas da França”. Já que foi possível todas aquelas conquistas trabalhistas, porque não é possível instaurar uma escola popular, pensava ele. Elise irá descrever a euforia e o seu planejamento.

“[...] Quem não conseguisse compreender esta realidade estaria a incorrer num erro bastante grave e a compreender o futuro. Temos de nos aproveitar do estabelecimento de um governo popular para fazermos votar leis favoráveis a uma pedagogia popular. Para tanto tempo de congregar todos os especialistas em questões pedagógicas e, juntamente com eles, determinar os projectos que favorecem o rápido arranque das técnicas libertadoras e acompanha-los com intervenções em massa no parlamento deste país.” (FREINET,1978,p311)

Vemos que para ele está tudo muito claro, não havia impedimento, pois tudo conspirava a favor de seu projeto de pedagogia popular. O que ele esqueceu foi que as bases econômicas se mantinham as mesmas e o capitalismo ainda estava vivo.

Por conta desta esperança, passa a procurar apoio da CGT, CGTU, do PC e do PS e dos governos de esquerda dos municípios. Apresenta sua proposta de uma reforma radical no sistema de ensino da França. Mas para a sua surpresa, o que ele receber dessas entidades é uma enorme indiferença. Nem mesmo dos sindicatos dos docentes e do Grupo Francês de Educação Nova ele encontra um auxílio, mas há uma explicação para isso. Quando apresenta sua proposta de educação popular coloca algumas restrições, do tipo que não poderia ser mudado nela e que deveria permanecer com já era praticada dentro da CEL. Contudo as entidades não vêm com bons olhos as limitações impostas, o acusando muitas vezes, segundo Oliveira (1995), de megalomaniaco. É bem provável que sua fé na eminência da revolução, ofuscou o seu senso de realidade. É bem verdade que depois desse episódio as relações começam a se desgastar, o que certamente influenciou nas rupturas pós-segunda guerra.

Chegamos agora no período que antecede a 2ª Guerra Mundial. A esquerda que dirigia a Frente Popular não conseguira nesse momento se manter, pois aparece episódios cruciais para o fortalecimento da Direita. O primeiro deles é a Guerra da Espanha, que Léon Blum se abstém de apoiar com receio de retaliações da Alemanha e da Itália, que eram aliados do governo de Franco na Espanha. O segundo episódio é de ordem econômica: a França enfrenta uma crise, pois os salários

recentemente aumentados perdem seu poder de compra devido a inflação; o desemprego sobe e Blum fica entre a cruz e a espada, ou toma medida liberais ou continua a seguir suas medida sociais. Vai oscilando entre ambas as tendências, abrindo brecha para a direita, que não vacila e toma o poder em 1937. Daqui em diante a eminencia de guerra só vai se concretizando e a França, ao menos tempo que se prepara para tal evento, tenta negociar com seus adversários.

Chegamos a setembro de 1939 e a guerra é declarada por Inglaterra e França, como resposta a ocupação da Polônia que era uma de suas aliadas. Diferente da guerra passada onde a maior parte dos conflitos acontece na região norte do país, a Alemanha fará com que toda a França vive o terror da guerra, quando Hitler avança, em 1940, e o resultado, afirma Oliveira (1995, p,69) é “ cem mil mortos, um milhão e meio de prisioneiros e quatro milhões de refugiados”. Diante desse caos é feito o pedido do armistício, que foi um acordo que solicitava o cessar-fogo e o fim de hostilidades entre as autoridades do Terceiro Reich e os representantes da República Francesa. Com esse acordo a França ganha uma nova configuração, sendo dividida em duas zonas. A Zona do Norte em que a capital é Paris fica sob a administração da Alemanha, e a Zona Sul ou também chamada de Zona Livre é administrada pelo governo colaboracionista de Marechal Philippe Pétain, ali um de seus primeiros atos será, a cassação dos partidos e sindicatos e a dissolução Assembleia Nacional. Nas palavras de Oliveira (1995,p.69) o governo do marechal não chega a ser um regime fascista, mas com certeza é um regime anti-republicano, “profundamente avesso ao ideias de 1789. O lema da França republicana (Liberté, Égalité, Fraternité) é substituído por outro [...] Travail, Famille, Pratrie.” Uma verdadeira mudança na identidade de um país marcado pela república e seus ideias. Para completar esse quadro, a França foi o o governo que mais colaborador com o inimigo na época da guerra.

É claro que frente a todas essas mudanças, algo respingaria nos docentes primários franceses, marcados desde sua formação pelo republicanismo. Serão perseguido, acusado e demitidos de suas funções, isso é acentuado quando descobrem seu envolvimento nos movimentos de esquerda. É nesse cenário que Freinet se torna um prisioneiro em um campo de concentração, sob a acusação dele ser um importante líder terrorista ou que em sua escola é um abrigo para armas ou mais absurdo ainda, que sua escola era na verdade um centro de espionagem, segundo Elise Freinet (1978).

Célestin é levado em março de 1939 para o campo de Saint Maximin, onde suas débil saúde dá seu sinal de alerta. Por conta disto é transferido para o hospital municipal de Saint Sulpice du Tarn. Mas mesmo debilitado e em uma situação não favorável se articula com outros professores primários que ali se encontram, e formam um jornal chamado “Camp41”, mas logo que começa a circular é barrado.

Por conta da hospitalização e do isolamento do seu cotidiano de sala de aula por um longo tempo, que ele vai possuir tempo suficiente para colocar no papel os mais de 20 anos de experiência de docência e de militância em prol de uma educação popular. Vai basear seus escritos na tentativa de superar essa dualidade e de preparar uma escola que atendesse à população pobre da França. Assim escreve nesse período: *A Educação do Trabalho, A Experiência por Tentativas e Ensaio de Psicologia Sensível*. É também nesse momento que começa a organizar as conhecidas invariantes ou leis pedagógicas.

Ao tomarmos conhecimento dessas obras redigidas em cativeiro, em especial o *Ensaio de Psicologia Sensível*, veremos um Freinet um sujeito menos político e social, há um predomínio de uma visão mais naturalizante do devir humano. Pode-se reconhecer que a experiência da guerra, a perseguição aos movimentos de esquerda incluindo a CEL, o afeta de alguma forma. Quem não será tão compreensivo com os possíveis efeitos daquela conjuntura sob Freinet será o Partido Comunista do qual era militante ativo. O que ocorre é que desde o episódio da Frente Popular e sua tentativa de implantação da pedagogia popular em massa, as relações já não eram mais as mesmas.

Quando Freinet é libertado em 1941, ele passa a viver na clandestinidade. Começa a luta para reerguer a CEL que está fechada e sem colaboradores, pois muitos estavam desaparecidos ou mortos nos combates. É apenas em 1945 que conseguiu reunir um modesto grupo de 130 membros, se comparado as várias centenas de colaboradores que havia antes. Ele também vai tentar ressuscitar a reforma educacional baseada na sua pedagogia de massa, pensando em novas diretrizes do ensino. Entretanto sua mais nova tentativa enfrentará boatos caluniosos, que o apontavam como um colaborador a serviço do Marechal Pátain. E mais uma vez vai ouvir negativas a respeito de seu projeto.

Como já foi sinalizado anteriormente, mais uma ruptura ocorrera na vida de Freinet, e será com o Partido Comunista. O processo é construído tendo como base o contexto de Guerra Fria, onde os comunistas franceses são expulsos do governo, ficando à margem do cenário político, provocando com isso um partido mais fechado e rígido e atrelado as regras e diretrizes formuladas pela URSS. No tocante a educação deve-se salientar que a União Soviética se encontra no ápice do regime stalinista. E é esse partido que atacará duramente a teoria de Freinet.

No âmbito da educação o partido comunista abandona, assim como na própria Rússia, os experimentos inovadores da época de Pistrak e Makarenko, que tanto influenciaram a pedagogia Freinet, e se atrelam mais a uma educação baseada nas teses de Kominform, se que preocupa apenas com a transmissão do conhecimento, com o rigor nas disciplinas e dos horários, no uso obrigatório dos manuais. Recorre, segundo Oliveira (1995) a métodos de aprendizagem mecânicas e criticam assim os métodos novos, sob a justificativa de serem praticas burguesas.

Logo se distanciam bastante da pedagogia praticada por Freinet, que tem características opostas como referencial. Junta-se a isso uma relação já abalada e teremos uma enxurrada de críticas lideradas por Snyders, Garaudy e Cogniot. As objeções feitas por eles podem ser resumidas na tese que primeiro estaria ele denegrindo a escola soviética, não respeitando sua identidade. Seria segundo, os críticos um reacionário, um educador em prol da escola burguesa. Contudo vale ressaltar que a escola que serviu de modelo para Freinet já não era mais praticada na URSS.

Uma segunda crítica seria a afirmação que a obra de Célestin faz referência ao espontaneísmo, usando-o como sua lógica de ensino, desrespeitando, assim, a figura do professor que agora ganhara um contorno mais forte por ser o responsável pela transmissão de conteúdo. Um caráter de suma importância, baseado numa visão marxista-leninista do partido.

Uma terceira crítica destaca que Freinet não merece colocar suas técnicas em prática, pois segundo os críticos seriam o meio pelo qual Célestin vê a resolução dos problemas da escola popular. Trata-se de um equívoco segundo eles, pois a solução não estaria no método, e sim na postura de transmitir o máximo de conteúdo possível ao filho do operário.

“Ilusão de que a técnica determina o fim [...]” o que segundo Cogniot uma “constante em Freinet, para quem existem ferramentas progressistas e ferramentas reacionárias. Um marxista autêntico não pode aceitar isso. Desviar,[...] a atenção de docentes sinceramente progressistas para questões de pedagogia pura é um engodo a ser denunciado” OLIVEIRA (1995,p182)

Separaram assim conteúdos de método, polarizando essa relação. Algo que na obra de Freinet é visto de modo dialético, não havendo uma distinção ou anulação de um em detrimento do outro.

Após intensas acusações e críticas, defende-se por meio de artigo para a revista L'Éducateur, entre os anos de 1950-54, argumentando que o trabalho na escola deve ser percebido não somente como um meio didático, mas como uma prática ligada à vida e ao contexto histórico e social dos alunos. E oficialmente rompe com o Partido Comunista

Em 8 de outubro de 1966 morre deixando seu trabalho mundialmente conhecido em mais de 20 países. Morreu em sua escola, em Vence, em meio aos pinheiros, com seus caminhos ladeados de pedras. Sua mulher Elise e sua filha Madeleine continuariam escrevendo e divulgando o trabalho da pedagogia popular de Freinet. A CEL permaneceu ativa até meados da década de 1980.

]Educação do Trabalho.

A obra que melhor define seu pensamento sobre o a teoria do trabalho esta em “ Ensaio de Psicologia Sensível II ” que foi escrito quando ele ainda estava preso em um campo de concentração na segunda grande guerra. Por este motivo ele se desculpa por não fazer as referencias que a regra acadêmica sugere mas, naquele momento estava privado de qualquer contato com livros. Necessitando de uma leitura por parte do interprete ainda mais atenta e detalhada.

Para começar, exporemos a mesma situação imagina por Freinet para iniciar sua explicação. Ele faz a suposição: se todas as realizações humanas desaparecessem, por causa de um cataclismo e então imaginem uma criança solitária que possuía vagas lembranças das realizações de seus pais, mas, naquele instante não possuía nada além de sua força. Sendo conduzido pelas necessidades da vida, como comer e se abrigar. Dentro desse cenário o que restaria para criança fazer, é experimentar, ou seja, o tatear. Proporcionando uma adaptação lenta as bruscas modificações do meio exterior.

Mas a mudança vai ocorrer, afirma Freinet (1978,p.160), quando “não se sabe sob que maravilhosa inspiração, devida sem dúvida também ao um acaso, uma experiência bem sucedida que o individuo inquieto repetiu, apareceu o utensílio”

Este utensílio é o produto e consequência de múltiplos tateamentos feitos pelo homem. Por exemplo: perceber que a pedra que está em suas mãos, poderia servir para dar forma a outras pedras, e com diferentes finalidades, seja para ferir animais com maior força, ou para tirar lascas das pedras.

Com esse conhecimento adquirido por meio dos tateamentos, o homem poderá construir de forma, mais rápida o seu abrigo, suprindo um necessidade que havia. Assim poupando tempo e lhe dando a chance de passar mais horas tateando em busca de “reforçar e altear sua construção pessoal” (Freinet.1978,p.161)

O utensílio em nosso entendimento é o resultado da ação do homem sob a natureza. Fruto do teteamento, dos experimentos feitos. Gerando um conhecimento solido e que se tornará um mapa para descobertas posteriores. Assim o homem se tornar diferente, pois começara a acumular conhecimentos do mundo que o cerca.

Desta forma Freinet advoga que:

“pode se compreender, deste modo, o nascimento e o caminhar do progresso em função exclusiva do utensílio.[...] Que seja o utensílio que fez a civilização, isto parece-nos incontestável (1978,p.161)

E para sustentar essa ideia ele continua:

“E parece-nos normal marcar as etapas do progresso, não pela evolução dum pensamento abstracto qualquer, pela magia duma ideia, mas pelo lento e experimental aperfeiçoamento dos utensílios: a pedra lascada, o machado, a pedra polida, o trabalho em osso, a criação de rena, a utilização o bronze, do ferro, do estanho, ou do ouro[...], a navegação,[...] do vapor, da electricidade” Freinet ,1978,p.161

Freinet então dá ao utensílio o carácter de fundamento maior para o surgimento da civilização. Argumenta que certos utensílios ditam o progresso e claro um novo tipo de sociabilidade. O que nos leva a entender que o utensílio se assemelha e muito com a nossa ideia exposta, sobre o que o trabalho. Pois é o trabalho que carrega consigo essa possibilidade de mudança. Porque com o trabalho o homem se transforma a medida que transforma a realidade que o cerca.

“é tudo isso que forja efetivamente a lenta evolução da civilização, que permite ao homem elevar-se sempre mais alto.” (Freinet ,1978,p.161/2)

Freinet faz esclarecimento quanto a esse momento do surgimento do utensílio, pontuando que é o pensamento é decorrente do tatear que gera o utensílio, estabelece assim a função determinante que possui sob outros complexos não admitindo a inversão disto, como outros teóricos permitem. Desta forma pontua que:

“o pensamento do homem não é senão o feixe das relações que se ataram à volta dele e nele, depois das inumeráveis experiências tacteadas, pela reprodução sistemática das experiências bem sucedidas. Não existe nisso vestígio de produto misterioso do pensamento, de hipotética química ou de mecânica estritamente cerebral. (Freinet ,1978,p.162)

Contudo, sua observação não perde de vista, a relação dialética que se constrói entre pensamento e utensílio. Onde à medida que um se desenvolver o outro vai evoluindo também, cada um a sua maneira e velocidade. E então é dentro desta mesma perspectiva que a educação nasce no do momento que o tatear produz um utensílio.

Pois como já foi dito é a partir do constante ato de tatear que o homem chega à criação do utensílio. Esse tatear produz também conhecimento, como no caso das pedras, permitindo o homem a diferencia-las seja por cores, ou por sua resistência, tendo assim condições de compreender qual seria a melhor para ferir um animal e saciar sua fome. Mas esse conhecimento é dele, se não for compartilhado com ninguém, a outra pessoa terá que fazer o seu próprio mapa, seu próprio acúmulo de tateamentos para poder então conhecer as pedras e produzir a sua própria lança e caçar.

Freinet ilustra muito bem essa situação e traz a função da educação.

“ Mas o homem conduziu o seu aluno até à pedreira de sílex que descobre depois de laboriosos tateamentos,[...] assim as relações experimentais que ao pai tinham pedido anos de tateamento foram adquiridas em alguns minutos pelo filho. *Primeira conquista da educação!*” (Freinet ,1978,p.162-grifo nosso)

Dessa forma a educação se torna esse potencializador de tateamentos, que possibilita o acúmulo de modo mais rápido do conhecimento já construído pelos mais antigos na sociedade. Mas ao estabelecer isto, Freinet alerta para um erro muito fácil de acontecer. Que é fazer das experiências dos outros as bases de nosso edifício - nossa vida. Sem ao menos vivencia-las de alguma forma. Ele se refere principalmente as crianças que em muitas ocasiões a escola que possuímos hoje, quer implantar essas bases do edifício, sem ao menos da à oportunidade de experimentar de algum modo o que o nossos antepassados viveram.

Depois de falar do pensamento e da educação, ele se debruça sob a comunicação, explicando que as complexificações geradas pelo utensílio –trabalho nosso entendimento - pontua que inicialmente as ideias eram comunicadas por meio de gestos é tanto que no exemplo das pedreiras o pai precisa se deslocar e levar o filho para que veja o local e assim entenda. Evoluindo posteriormente, para uma linguagem articulada. Que agora poderia exprimir ideias de forma rápida. Permitindo um ritmo mais acelerado na construção do ser, já que o poupava do deslocamento físico muitas vezes.

E por fim, vem à escrita o registro da expressão na matéria. Na “escrita são relações mais subteis, experiências mais complexas, <<pensamentos>> que se encontram expressos e fixados na matéria, e depois transmitidos às gerações vindouras” (Freinet ,1978,p.163)

O conhecimento por muito tempo ficou preso a tradição oral e nesse contexto, aqueles que detinham o saber ao morrer levam com eles os detalhes e maiores compreensões. Agora com o registro desse saber, as possibilidades não eram mais limitadas, porque uma vez registrado o

conhecimento, mesmo que o adulto morresse o conhecimento e todos os seus detalhes já havia se tornado um patrimônio da sociedade.

Ao finalizarmos esta exposição do conceito de trabalho em Freinet. Ouso em dizer que muito se assemelha com nossa compreensão feita do trabalho quanto a ser o fundante ser social. E percebemos como as relações vão se estabelecendo com os outros complexos a partir do trabalho que ele chama de utensílio. Relação esta de gerador, o utensílio vai gerar os outros complexos, como a educação e a comunicação, mas, nunca uma relação de determina total, pois cada complexo tem seus próprios desdobramentos, mas também sempre em ligação com o mundo criado pelo meio do utensílio.

Pontuado, exposto e discutido a ideia de trabalho, podemos agora passar para um segundo momento dessa sessão. Debruçar-nos-emos sobre a obra “Educação do Trabalho” na intenção de trazermos o modo pelo qual Freinet vai articular esses dois conceitos –educação e trabalho- dentro de sua proposta de escola popular para a França.

Tentaremos a partir de então demonstrar a maneira pela qual Freinet vai responder a pergunta de como harmonizar preparação técnica de um lado e preparação social do outro.

Pois era sabido por ele que a escola não preparava para a vida e não estava voltada para vida, e que ela não se importava com o presente e muito menos com o futuro, mantinha sim, uma relação doentia com o passado. Doentia porque, havia uma supervalorização daquilo que funcionou no passado, do que foi conquistado no passando. Esquecendo que o presente por trazer novas possibilidades e outras conquistas.

Tomando com base essa relação com o passado, é sabido que a escola pública segundo Freinet (2001,p.3), insistia em manter seus fundamentos da época de 1890 -1914 ainda vivos, apesar de já estarem ultrapassados, e “não corresponder mais nem ao modo de vida, nem às aspirações de um proletariado que adquiri, a cada dia, maior consciência de seu papel histórico e humano.”

A escola popular ou escola povo nasce para ser o local de realização/prática de todas as ideias pensadas e detalhadamente descritas. Pois acreditava que seria possível dentro da velha organização social - capitalismo – ser gestado um novo tipo de sociedade, como Lênin falava.

Dentro desta nova educação popular, o papel atribuído a ela era:

“A educação deve ser móvel e flexível na forma; deve forçosamente adaptar suas técnicas às necessidades variáveis da atividade e da vida humana. Nem por isso deve deixar de cumprir plenamente o seu duplo papel; exaltar no individuo o que ele tem de especificamente humano, a

parcela ideal que ilumina uma razão de viver mesmo nas piores degradações; enriquecer e fortalecer o acervo comum de conhecimentos, que é como que nossa terra nutriz, o substrato essencial do nosso devir.”
FREINET (1998,p,175)

Freinet define uma educação bem diferente daquilo que é oferecido diariamente nas escolas públicas francesas. Ele propõe uma educação em movimento, em atualização constante. Uma escola que consiga exaltar as infinitas possibilidades humanas juntamente com, maiores condições de acúmulo de saberes a fim de construirmos nosso futuro sabendo por onde já pisamos.

Ele vai defender uma educação que esteja centrada na vida, vida no sentido de realidade, que nos impacta e nos é impactamos. Manter essa relação de diálogo entre as esferas do objetivo e o subjetivo é deveras importante para nosso autor em tela.

Assim ele advoga:

“Continuo convencido de que, se vocês conseguirem criar um sistema educacional mais assentado na vida, bem adaptado às descobertas científica e às condições econômicas; se vocês tornarem a escola mais eficaz não só no plano intelectual mas também no vasto e complexo campo do trabalho, terão mais adesões e apoio do que pensam.” FREINET,1998,p.167)

Passa a entrar em cena o trabalho, como um complexo a ser levado em consideração por parte do sistema escolar. O trabalho como motor, impulsionador do homem perante a realidade. Como momento oportuno que se constrói uma relação íntima entre homem e natureza, permitindo o seu devir juntamente com a sociedade. Nessa esteira Freinet constata:

“[...] que o trabalho, que os ofícios estão, queiramos ou não, no centro da vida das crianças; constituem o substrato comprovado sobre o qual vamos construir todo o nosso edifício cultural”(1998,p.168)

E assim na escola do povo, não se perde de vista essa relação trabalho e vida. Por isso nesta escola Freinet propõe a criação de grandes e várias oficinas permanentes de trabalho, desde a: lavoura, a forja, a marcenaria, a tecelagem, a cozinha, o serviço doméstico, construção, mecânica e comércio. As oficinas são uma forma de trazer para a escola os benefícios e resgatar a função genuína do trabalho.

A intenção de propor que essas oficinas ocorram simultaneamente às aulas clássicas é por entender que a

“[...] satisfação de cumprir dignamente nosso papel de homem, de fazer um trabalho “reconhecido”, proveitoso para nós e para os outros, inserido nos próprios gestos dos adultos e que realiza como que uma grande vitória sobre nós mesmo e sobre os elementos.” (FREINET,1998.p,185)

Vemos que o autor constrói em cima do trabalho a possibilidade de possuímos uma função social, onde nos reconhecemos e reconhecemos o outro em sociedade. E é esta possibilidade que Freinet é dar as crianças, por entender que é algo essencial, algo que perpassar sua construção enquanto homens.

Por este motivo Freinet pede que

“Não despojemos o trabalho do que ele tem de subjetivo e humano, conservando apenas o que tende a mecanizar e a domesticar a tarefa” FREINET,1998,p.169)

A sociedade possuía um entendimento equivocado do que é o trabalho, deixando-se convencer que o trabalho é exclusivamente aquele que se vive dentro da sociedade burguesa, entendi como movimentos monótonos e mecânicos. E o que se pede é que a essência do trabalho não se perca, e por este motivo lança mão das oficinas em sua escola do povo para cumprir essa função. Continuando nesse entendimento e avançando mais um pouco.

“Não há, para nós, de um lado o trabalho e o sofrimento, do outro o prazer pelo pensamento e pela fruição. Não, tudo isso funde para formar um todo e o pensamento nasce do trabalho, é modelado e esculpido em seu ritmo, é vivificado por seus ensinamentos.” (FREINET,1998.p,193)

Avançamos e chegamos ao entendimento claro que o autor possui, de não haver segregação entre pensamento e prática. Pontuando a importância de perceber-los como pertencente a um todo e que o pensamento diferente do que se acredita nasce do trabalho, nasce dessa relação com a natureza passando a ter essa capacidade de pensar, refletir a cerca dessa interação. Há consequência em quebrar essa interação:

“Os homens quiseram separar o pensamento da natureza e do trabalho; é o que chamam às vezes de ser objetivos![...] Desequilibraram-se e desequilibraram suas obras por causa de uma falsa concepção do trabalho” (FREINET,1998.p,193)

Tudo o que está sendo exposto tem como alvo principal a criança e o jovem que frequentará essa escola do povo. Formar um novo tipo de homem, para um novo tipo de sociedade é o objetivo

maior desta proposta. Portanto Freinet vai propor ideias novas com relação a todas as dimensões da educação, inclusive a dimensão física da escola. Propondo então que

“O material e os locais devem ser idealizados não objetivamente, digamos, mas antes de tudo em função das crianças que serão seus usuários; não de crianças tais como as desejaríamos, mas tais como são verdadeiramente; não num meio particular, imaginado e organizado de fora, mas no meio normal e verdadeiro das crianças. Os imóveis das indústrias modernas são não projetados e realizados de acordo com as máquinas que são destinados a receber?” FREINET,1998,p.161)

Percebemos o cuidado que possuía com sua teoria pedagógica, por não se limitar ao campo das ideias, mas ir além e lançar seu olhar para o mundo material, procurando quais seriam as melhores condições para efetivar sua educação do trabalho. Entende assim que não podemos mascarar a realidade, ou melhor, mascarar como as crianças verdadeiramente são se desejamos ter sucesso com sua pedagogia. E fica claro, que partir do que é a coisa em si, facilitará o avanço do docente.

Freinet alerta sob o tipo de avaliação vivida pelos alunos. Uma avaliação descabida, que não dispõe de tempo hábil para que o professor possa ter elementos relevantes, para gerar um diagnóstico verdadeiro sobre seu aluno. E assim declara que:

A escola é apressada, apressada demais. é verdade que é ciosamente fiscalizada por contramestres que, exatamente como na indústria, exigem normas de produção e certa regularidade do esforço. [...] Então, por falta dessa medida de enriquecimento humano, a escola adota a medição da aquisição de conhecimento, da mesma maneira que se mede um vaso que se enche... FREINET,1998,p.165)

A problemática que ele levanta é seríssima, porque produz um ciclo vicioso cheio de engano. Porque se o docente não tem elementos para avaliar de modo hábil, dando-lhe tempo para amadurecer suas ideias de assentar suas conclusões. Teremos avaliações prematuras e inconclusivas que nos dando ora, a falsa informação que o aluno não aprendeu a contento, ou que os alunos aprenderam tudo, pois colocaram tudo conforme o esperado pelo professor.

Finalizaremos trazendo mais algumas razões pelas quais Freinet escolhe o trabalho para ser sua base de sustentação de sua escola do povo. Primeiramente por acreditar que o trabalho é o motor essencial do homem enquanto ser social, declarando então:

“o que estimula e orienta o pensamento humano, o que justifica seu comportamento individual e social é o trabalho em tudo o que hoje tem de complexo e de socialmente organizado, o trabalho, motor essencial, elemento do progresso e da dignidade [...]” FREINET,1998,p.168)

Considerações finais

Chegamos ao fim de uma trajetória de vida, cheia de descobertas, alimentada com o ideal de ver uma escola para o povo, mesmo sabendo das limitações que o regime capitalista impõe, mas acreditando que seria dentro do velho que seria gestado o novo, como Lênin falava. Viveu um dos períodos políticos mais cheios de reviravoltas, com fortes embates entre os movimentos de esquerda e de direita. E sobreviveu a duas Grandes Guerras Mundiais.

Compreender o que todo esse movimento representa no real enquanto um indivíduo inserido numa sociedade em ebulição é uma tarefa crucial para compreender os possíveis limites de sua obra: e a compreensão de onde ele fala para quem ele fala. Tal perspectiva só será possível traçando um percurso histórico de sua vida, percebendo as relações e contradições presentes.

No decorrer de nossa pesquisa percebemos a relevância do estudo a cerca da proposta de uma educação popular, visto que apresenta uma ideia que tem a preocupação em ser fundamentada teoricamente, - na perspectiva da educação do trabalho - como também a preocupação em ser uma proposta que tem todas as condições de ser realizável na prática. Pois essa é a intenção de Freinet, quando ele não se reconhece como um teórico, mas como um pratico. Suas queixas sobre outras ideias pedagogias, como a escola nova é justamente por pairar no campo das suposições e não no campo da realidade.

Nesse caminhar em busca de uma solução para a educação publica francesa, Freinet que muito claramente tem consciência sobre a dualidade da escola, gerando uma educação para o povo muito insatisfatória, não cumprindo o caráter técnico que a educação possui. Assim como alternativa a essa educação a serviço do capital, que não se preocupava em nada com a formação completa dos alunos. Freinet lança mão do trabalho como seu fundamento central para criar a sua escola do povo.

Tinha a intenção de está criando as bases para uma nova sociedade, que começaria criando uma educação de novo tipo para surgir um novo tipo de homem. Estabelecer essa relação entre educação e sociedade era algo muito caro para o autor.

Por conta disto é que reintegro a importância da proposta educacional de Freinet e a necessidade de maiores estudos sob esta ótica de perceber as possibilidades e contribuições que ele apresenta para a nossa sociedade, que mudou sim dos anos que Freinet escreveu, mas também vale ressaltar que mantém características que foram duramente criticadas.